

20 CONTAR

– contos –

João Paulo Hergesel

20 CONTAR

– contos –

2.^a edição



Editora Jogo de Palavras
• Alumínio, SP •
2018

Copyright © 2008 by João Paulo Hergesel

Um agradecimento especial à Editora Virtual Libri, que acreditou neste trabalho e publicou a primeira edição do livro.

H545v

Hergesel, João Paulo.
20 contar / João Paulo Hergesel. – 2. ed. – Alumínio: Jogo de Palavras, 2018. (Coleção Joaquinha Platinada).
60 p. | 14 cm x 21 cm

ISBN 978-85-66626-69-8

1. Literatura brasileira. 2. Ficção brasileira. 3. Contos.
I. Título.

CDD: B869.93 | CDU: 82-93

2.^a edição

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição reservados a:



Editora Jogo de Palavras

Alumínio, SP • 2018

www.jogodepalavras.com

Edição dedicada ao JP de 15 anos, que se assumiu escritor e registrou suas experiências textuais, ainda sem estilo formado, nas páginas de um livro.

Sumário

A MELHOR AMIGA	9
A CASA DE CABEÇA PARA BAIXO	13
A PROFESSORA DESESPERADA	15
A REVOLTA DOS PINOS DE BOLICHE	17
A TRISTE HISTÓRIA DE DUAS BARATAS	19
UMA GATINHA.....	21
A ÚLTIMA CARTA.....	25
CEGOS.....	27
(DES)CLASSIFICADOS.....	29
HIPERTENSÃO	31
A PLANTAÇÃO DE DOCES.....	33
MÃO DE VACA.....	37
A GINASTA MALUCA	39

OSSOS DO OFÍCIO	43
ALMOÇO REQUINTADO.....	45
OS PERFEITOS ANÕES DE JARDIM.....	47
O VÍCIO MAIS GOSTOSO	49
PRIMEIRA VEZ NO MERCADO.....	51
UMA INVENÇÃO AROMÁTICA.....	55
SURPRESA DE ANIVERSÁRIO	57

A MELHOR AMIGA

Confiava nela os mais profundos segredos e as mais sinceras verdades. Havia reciprocidade. Ríamos histórias absurdas, dividíamos o mesmo sorvete de casquinha, consolávamos um ao outro. Num desses nossos momentos, percebi algo em mim que não tinha reparado antes: mãos suadas, coração batendo mais forte e respiração ofegante. Aquilo só podia significar uma coisa.

Dúvidas, no entanto, começaram a me cercar. Não conseguia – ou não queria – acreditar em meus sentimentos, porém não tinha como negar: algo intenso brotava dentro de mim.

Talvez por eu já conhecê-la há um bom tempo; saber seu nome completo e dia do aniversário; seu estilo de música preferido; sua comida favorita; conhecer o cheiro de seu perfume; as roupas que gosta de usar; compreender apenas com um olhar quando ela está feliz ou triste.

Talvez por eu admirar sua habilidade com a qual segura uma caneta, sua forma branda de escrever, os arredondados traços de suas letras; por apreciar a aguda, mas angelical, voz que sai de suas cordas vocais; a calma contida em sua respiração; por poder compreender sua aflição com as ciências exatas, e o motivo de sua alegria com as boas notícias.

Talvez tenha gostado dela pelo seu jeito espirituoso, mas charmoso, de rir; pelo seu modo meigo de chorar, que nos faz sentir compaixão; talvez tenha me apaixonado pelos gestos mais singelos, como o leve toque de seu piscar de olhos e a delicadeza com a qual mexe a cabeça para os lados; talvez tenha me encantado pelo seu suave caminhar, pela doçura expressa no simples ato de carregar um objeto.

Não podia contar-lhe nada sobre isso. Era bem possível que isso causasse um grande abalo em nossa amizade. E essa era a última coisa que eu desejava.

Por dias, fiquei pensando nela a todo instante: no posto de gasolina, enquanto abastecia o carro; no supermercado, enquanto esperava na fila do caixa; na igreja, entre uma oração e outra. Sonhava com ela praticamente todas as noites. A chama da paixão ardia intensamente dentro do meu peito.

Escrevi uma carta. Declarei nela todo meu amor. Utilizei longas sentenças românticas, tal como fiz uso de curtas frases suicidas, as quais buscam, ansiosamente, um ponto final. Jamais a entreguei.

Compus uma canção. A letra perfeita combinava plenamente com a música ideal. Ajustei a minha voz não provida de melodia, na doce esperança de fazer uma serenata sob a brilhante luz do luar. Seresta essa que nunca aconteceu.

Fiz um cartão. Recortes de coração se escondiam por entre a purpurina vermelha. Continha uma mensagem subjetiva. Imaginava enviá-lo pelo correio no dia dos namorados. A data já passou e a coragem ainda não me veio.

Sentia que alguma coisa estava prestes a explodir dentro de mim. Não conseguia mais manter esse segredo. Ela deveria saber que o meu sentimento por ela era algo mais que amizade. Tomei uma grande decisão: contaria tudo.

Encontramos no restaurante chinês, o qual nos alimentava todas as sextas-feiras à noite.

Antes de pedirmos os biscoitinhos da sorte, olhei fixo nos olhos dela com o ardente desejo de beijá-la. Ela também me olhava, mantendo seu rosto inocente e gracioso. Diante daquela cena, abracei-a e disse como era bom tê-la como amiga.

A CASA DE CABEÇA PARA BAIXO

Assim como em todos os dias, tirou o pesado edredom de cima de seu corpo e se espreguiçou ainda sonolenta. No entanto, ao se levantar, aconteceu o que não se vê diariamente: ela caiu no teto.

Tentando se recuperar do tombo e sem entender direito o que aconteceu, ela ficou em pé, esfregou os olhos e percebe que sua casa estava de cabeça para baixo. Vendo a lâmpada próxima aos seus pés e o tapete sobre sua cabeça, começou a rir.

– Esses duendes... São tão danados!

E, subindo pelas paredes, voltou à sua cama. Deitou e caiu no sono novamente, feliz por receber a mágica visita dos duendes.

A PROFESSORA DESESPERADA

Soava o sinal para o início da aula. A educadora, embora revoltada com o baixo salário, começou a falar aos alunos sobre os perigos da cidade grande. Ao passo que comunicava, olhava para a janela. Notou que repentinamente seu carro começara a andar. Em tamanho desespero, tentou sair pela vidraça, como se para tentar impedir.

No dia seguinte, duas manchetes estampavam a primeira página do jornal local: “Professora desesperada fica entalada em vitral” acima de “Ladrões abandonam carro, um quarteirão após o local do furto, por falta de combustível”.

A REVOLTA DOS PINOS DE BOLICHE

Todo dia era sempre a mesma ladainha: ficavam parados, um próximo ao outro, esperando que a pesada bola viesse derrubá-los. Certa vez, tomaram uma atitude: cansados de serem derrubados, os pinos de boliche trocaram de lugar com os jogadores.

A vingança seria doce, porém não conseguiram quebrar o tabu. Ao se unirem e erguerem a bola de quinze quilos, não aguentaram o peso. Caíram os dez!

A TRISTE HISTÓRIA DE DUAS BARATAS

Uma chegou e se instalou. Atrás da estante era sua nova moradia. Saiu para arranjar comida. Achou restos do almoço na lixeira. Voltou ao seu esconderijo. Encontrou outra barata. Ficaram amigas.

No dia seguinte, saíram em busca de mais comida. A dona da casa as viu e levou um susto. Elas viram a mulher e também se assustaram. Correram, pois, para trás da estante. A mulher pegou o inseticida.

As baratas ficaram escondidas ali. A mulher apertou o *spray* por toda a sala. Achando que tinham despistado a madama, respiraram fundo. Quando deram por si, estavam mortas.

UMA GATINHA

Estava sentado à espera do chamado da professora, para que entrássemos à aula. Não havia prestado atenção se havia algo ou alguém debaixo do assento.

Assim como todas as segundas-feiras – no início da noite, por volta das sete horas – havia ido ao cursinho de inglês, a fim de aprimorar minha sabedoria e expandir meus conhecimentos sobre o idioma.

A escola de línguas era pequena: uma sala principal, com cadeiras confortáveis e alguns jogos sobre a mesinha central; um cômodo com poucos computadores conectados à internet, para uso dos alunos; um banheiro comum; um corredor comum; quatro salas de aula comuns.

Cheguei um pouco antes da hora. Faltava, ainda, cinco minutos para meu horário. Aguardando, sentei-me em uma das cadeiras e abri meu livro de inglês para fazer uma revisão da matéria. Fui interrompido no meio dos estudos.

Em meados de meus 15 anos ainda não havia namorado, nem sequer saído com uma garota. Mas não foi nisso que pensei naquele momento; nem ao menos tive tempo para pensar. Uma sensação estranha começou a surgir no meio de minhas pernas. Não sabia ao certo o que era aquilo, mas parecia que havia alguém tentando passar por entre elas. E, realmente havia.

Com seus olhos azuis e jeitinho amável, ela se espremia para sair de baixo daquela cadeira. Levei um tremendo susto. Como ia imaginar que ela estivesse ali? Não tive tempo de perguntar o que fazia. Seu andar encantador, até o final do corredor, me deixou sem fala. Batendo à porta da última sala de aula, foi recebida com um “Hello! How are you?” pelo outro professor. Depois, fui descobrir que seu nome era Mila.

Minha turma também era pequena, além de mim havia mais três alunos. Assim que a professora chamou, fomos entrando. Fui o último. Pensei que seria... Uma nova aluna apareceu, pouco antes de a porta ser fechada. Mila faria aula junto conosco. Num charme sem igual, sentou-se ao meu lado.

Não foram recusadas apresentações. Todos tinham que conhecer a nova estudante. Mas não foi ela que disse seu nome, fora a educadora. Talvez não pudesse falar, afinal, estava aflita... nem tanto! Passou a aula toda com gracejos para mim. Era praticamente impossível não perceber. Havia sido amor à primeira vista.

No final da aula, ela saiu um pouco antes de mim. Não sabia se me despedia dela ou não. Com seu jeito saltitante, desceu os poucos degraus que levavam até a rua. Não podia deixar aquela oportunidade em branco, precisava falar com ela. Pensei em arriscar um beijinho, mas me contentei em passar a mão vagarosamente pelo seu pequeno

rosto. Arisca, fez cara de quem gostou, mas, num simples salto foi embora. Já era de se esperar...

A ÚLTIMA CARTA

Tinha que pensar em como conquistar sua amada. Era muito introvertido para fazer serenata. Como faria? Que tal uma carta... Uma carta! Mas como escrever uma carta?

Matutou por horas, não sabia o que pôr no papel. Uma hora se decidiu. Mesmo assim, levou três dias para escrevê-la. Colocou na carta seus sinceros sentimentos.

Temendo levar um “não”, pôs a declaração de amor junto com o buquê de flores que deixou na porta da casa da pretendida.

Dias passaram e não obteve resposta. Será que ela não gostava dele? – Foi isso o que concluiu antes do suicídio. Mas ela, coitada, não teve culpa. Sequer sabia ler...

CEGOS

A nova mamãe do pedaço não podia nem imaginar que aquele dia seria um dos piores de sua vida; não por ser véspera de Natal e o comércio estar supostamente lotado, nem por que passaria mal. Seria um dia ruim, pois ela jamais teria coragem de voltar àquela loja de calçados.

Esperava encontrar, no centro da cidade, um formigueiro de pessoas correndo para lá e para cá, no maior empurra-empurra, desesperadas por uma liquidação ou promoção. Expectativa frustrada!

As ruas estavam tão vazias como o velho Texas em dia de tiroteio. Ela tivera sorte porque não precisaria sofrer no meio da multidão, nem furar filas utilizando sua filha recém-nascida como objeto para atendimento preferencial.

Sossegada, passeava empurrando o carrinho pelas vias da cidade grande cumprimentando os “gatos-pingados” que circulavam por ali. Hora ou outra encontrava um conhecido. Ao passar em frente à loja de calçados mais famosa da cidade, ficou de boca aberta olhando a vitrina.

Calçados de todos os tipos: tênis, sapatos, sandálias, chinelos; de todos os tamanhos: de recém-nascido até o número 52; de todos os materiais: camurça, couro, plástico; e, também, de todas as cores: preto, branco, cinza, marrom, estampado... Era um paraíso para os pés.

Ela não podia ficar sem comprar presentes para si e, por isso, correu em direção a entrada. “Cuidado!”, tentou avisar o vendedor que estava lá dentro. Mas era tarde. Batera a cabeça na porta de vidro.

Após se recuperar da cacetada resolveu empurrar a porta para abri-la, já que percebeu não ter superpoderes. Finalmente conseguiu entrar. O vendedor começou a lhe mostrar os calçados, dos mais simples aos mais sofisticados. Enquanto ela provava milhares de sapatos, o carrinho do bebê ficou no meio da passagem.

Um outro cliente entrava na loja: um deficiente visual de uns 50 anos. Para que pudesse andar pela loja, foi tateando o chão com a bengala; sem perceber que o pedaço de madeira havia se encaixado na rodinha do carrinho da criança.

A moça, fechando negócio com o vendedor, pegou o carrinho para ir até o caixa a fim de pagar a mercadoria que estava comprando, porém não sabia que a única coisa que pagaria seria o “maior mico”.

Empurrando o carrinho, não percebeu que o pobre cego estava preso ali. O cego, não querendo soltar a bengala, foi arrastado junto até o caixa. Quando ela, enfim, parou e olhou para trás, viu o homem desencaixando seu bastão com o qual lhe daria uma bengalada na cabeça.

Misteriosamente, apareceram pessoas de todos os cantos, para rir da moça que massageava seu segundo galo.

(DES)CLASSIFICADOS

“Vi numa placa que estão contratando mecânicos. Sei um pouco sobre lâmpadas. Posso deixar um currículo?”; “Soube que estão precisando de pedicuras. Tenho prática em pedir as coisas!”; “O padre disse, na missa de domingo, que a igreja precisa de voluntários. Qual é o salário?”.

Só lhe respondiam: “As vagas já estão ocupadas”, ou: “Desculpe, mas você não se encaixa na categoria”. Não sabia mais aonde ir ou o que fazer, então entrou numa loja de roupas.

– Bom dia! Vi um cartaz informando que estão precisando de caixa. Por esse emprego eu viro uma até de papelão.

– Funcionários com senso de humor. É disso que precisamos. Por que não deixa um currículo?

HIPERTENSÃO

Diminuíram o consumo de sal. O mar foi à falência.

A PLANTAÇÃO DE DOCES

Serena era uma mulher que gostava muito de doces. Desde criança, ela sempre foi adepta ao açúcar.

Quando tinha apenas duas semanas de vida, sua mãe a deixara dentro do carrinho de bebê próximo à mesa da sala. Sobre a mesa, bem no centro, havia uma bomboniere. Sua mãe sempre colocava jujubas para que as visitas pudessem levar algumas antes de ir embora. Isso mostrava que ela era uma boa anfitriã.

Por mais impressionante que pareça, ainda bebê e sem saber nada sobre a vida, Serena pôde perceber que doces eram gostosos e, não tendo como se levantar do carrinho; pegar uma bala; tirar do papelzinho e chupá-la, ela tentou se esticar o máximo possível até conseguir agarrar a toalha da mesa. Apoiando-se no tecido, ela conseguiu sentar-se no carrinho. Com um pouco mais de esforço, ela conseguiu se agarrar à mesa e aí, foi fácil subir. Mas, antes que ela pudesse pegar uma bala, sua mãe teve um treco.

Mais tarde, aos dezoito meses, Serena aprendera a engatinhar. Sua mãe deixava que ela engatinhasse por toda casa, uma vez que não havia nada de perigoso próximo ao chão. Serena adorava andar de joelho. Ia para a cozinha, para a sala, para o quarto, voltava para a sala. Até ela sentir um cheiro de açúcar queimado e perceber que a vizinha estava fazendo pudim caramelado.

Com a ajuda de uma vassoura ela conseguiu abrir a porta da sala que estava destrancada, pois o seu pai já estava quase chegando do trabalho. Ela, então, foi para a varanda. De lá, observava o movimento da rua. Desceu, com muito cuidado, as escadas – três ou quatro pequenos degraus –, engatinhou até o portão e conseguiu passar por entre as frestas. Seguiu em direção à casa ao lado, mas teve seu caminho interrompido por seu pai, que a pegando no colo sentiu-se aliviado.

Alguns anos depois, ela estava na casa de sua avó. Olhando pela janela, viu o caminhão de lixo passar e deixar cair um dos sacos no chão. Ainda vendo a cena, observava um gato revirando o lixo e pegando um pedaço de bolo com a boca. Viu que o gato subiu no telhado da casa de sua avó. Sem pensar duas vezes, ela saiu da casa e, dando uma de Homem Aranha, tentou subir no telhado, segurando-se no cano da calha.

Quando já estava quase chegando lá em cima, o gato deu um salto e caiu em pé, no jardim. Serena tentou fazer igual e se jogou daquela altura. Para sua sorte, ela caiu nos braços da sua avó, que tinha saído para saber quem é que abriu a porta. Foi a última emoção que a pobre velhinha viveu.

Ao mudar para sua nova casa, Serena descobriu que uma das moradoras da rua fazia suspiros para vender. Logo no primeiro dia em que se mudou, já foi comprar um

pacotinho. Eram realmente deliciosos. Não se conseguia comer um só.

Serena viciou-se naquilo. Todos os dias, comprava um saquinho. Não importava se fazia sol ou se chovia, estava sempre na porta de sua vizinha – no horário de sempre – e dona Francisca já sabia disso.

Infelizmente, para Serena, ela teve uma notícia desagradável. Na hora a que já estava acostumada, ela foi à casa de Francisca. Dessa vez, quem atendera fora a empregada. Serena disse que havia ido comprar um pacotinho de suspiros, como de costume, e a empregada lhe entregou o último.

– Você deu sorte. Esse é o último. Ainda mais que, amanhã mesmo, a dona Francisca vai se mudar.

Serena não podia acreditar que ficaria sem o seu doce preferido. Tentando pensar num jeito de fazer com que os suspiros não saíssem de perto dela, Serena começou a lembrar do dia que passou no sítio do seu tio. Ele lhe ensinara que para ter mexericas, laranjas e maçãs, era necessário plantar uma semente. Serena não teve mais dúvidas do que fazer. Pegou a pá, abriu um buraco em seu jardim e plantou lá o saquinho de suspiros.

Dentro de três dias, brotou um lindo formigueiro.

MÃO DE VACA

Estava encurralado. Não sabia como sair daquela “saia justa”, até surgir-lhe uma grande solução. No entanto, querendo economizar energia, apagou a luz que havia no fim do túnel.

A GINASTA MALUCA

A semana se iniciava com o presidente da “Meia Lua Calçados” estressado com seus telefonemas de cobranças, reuniões e problemas pessoais. Até ele receber um telefonema que lhe interessou.

– Dona Carolina, venha já a minha sala! – falava contente, ao telefone.

Assim que Carolina, uma funcionária na fase da aposentadoria, chegou, o presidente lhe deu um sorriso muito amigável e começou a tratá-la bem, oferecendo cafezinhos, biscoitos, canapés e chá preto. Aceitou os canapés.

Mal pegara a fatia de pão e o chefe a puxou pelo braço. A única coisa que ele pedia era para que ela o seguisse. Assim o fez. Eles iam pegar o elevador, mas, por motivos de manutenção, ele estava desligado. Desceram, então, pela escada, os 14 andares. Carolina, sendo puxada pelo braço, e o presidente, descendo rapidamente os degraus.

A senhora já estava até sem fôlego quando chegaram ao térreo. Mas a corrida milionária não parou por aí. Percorreram todo o estacionamento até encontrarem o carro do presidente. Um carrão preto, de última geração, importado e com um bichinho de pelúcia pendurado no vidro.

Ordenou que Carolina entrasse no carro. Ela perguntou aonde eles iriam, mas ele não quis responder, apenas insistiu para que entrasse. Ela chegou a ficar preocupada achando estar sendo vítima de sequestro, mas, como ela era uma simples funcionária, sentiu que tinha de obedecer a quem estivesse acima de seu cargo. Assim sendo, entrou.

Assustada, Carolina colocou o cinto de segurança. Animado, seu patrão ligou o rádio, colocou um CD do Enrique Iglesias e saiu cantando. Carolina concluíra que era sequestro. Por isso, foi da empresa até o lugar de destino, rezando um terço que encontrara no bolso.

O automóvel saiu da Vila Virtude e andou mais quinze minutos até chegar ao bairro de Ares Limpos. Carolina estava conhecendo o outro lado da cidade que nunca tinha visto pessoalmente. Ainda sem entender o que estavam fazendo lá, continuava rezando para evitar que alguma desgraça lhe acontecesse, até seu chefe finalmente parar o carro.

– Muito bem, Carolina. Agora, ao invés de ir até a Meia Lua, você pegará um táxi e virá para cá, todos os dias. Ah, o táxi é por nossa conta.

Ela olhou em volta e, achando que sua vista não estava muito boa, indagou:

– Este é um centro cultural. A Meia Lua agora vai trabalhar fazendo sapatilhas de balé?

– Não, sua boba. A Meia Lua não fará nada. É você que fará algo para a Meia Lua.

Como Carolina havia dito que ainda não tinha conseguido compreender o que ela faria ali, o chefe continuou:

– Hoje recebi um telefonema informando que, dentro de seis meses, haverá um concurso na cidade. Todas as empresas poderão participar com um funcionário e, você foi a escolhida.

– E que tipo de concurso é esse? E o que tem a ver com cultura?

– É uma competição de ginástica artística e você será nossa ginasta. Agora entre que você está atrasada para o treino.

No começo, Carolina achou que fosse algum tipo de brincadeira ou pegadinha, mas viu que o negócio estava ficando sério quando seu chefe saiu, a deixando na porta da casa de cultura e uma treinadora de ginástica veio lhe dar boas-vindas.

Antes mesmo que ela começasse a treinar, sabia que tinha “caído do cavalo”.

OSSOS DO OFÍCIO

“Pingo, eu te compro quantos ossos você quiser, mas, por favor, não desenterre os daqui”, falava enquanto corria atrás de seu cão, que brincava no cemitério.

ALMOÇO REQUINTADO

Correndo pelo vasto campo, ambos, touro e vaca, decidem parar no melhor pasto da região – aquele onde a grama é verdinha, bem tratada e sem agrotóxico –, para fazerem uma refeição.

O dono do local, falante da língua bovina, questiona:

– Como vocês vão pagar a conta?

– Vamos fazer uma vaquinha!

OS PERFEITOS ANÕES DE JARDIM

Sempre fora uma mulher esnobe e perfeccionista. Gostava de tudo em seu devido lugar e não deixava que se aproximassem de suas coisas para que elas não estragassem com tanta facilidade.

Percebeu que seu jardim estava simples. Comprou vários anões de porcelana para enfeitá-lo. Arrumou todos os bonequinhos de uma maneira impecável. O jardim ficara lindo. Sentindo-se realizada, apagou a luz da varanda e foi dormir.

No dia seguinte, quando acordou e olhou pela janela, notou uma pequena diferença em seu jardim: havia apenas 6 anões, e não 7. Saiu e olhou para os lados, procurando investigar, mas não encontrou nenhuma pista. Para que não ficasse estranho, ela pegou uma plaquinha de madeira escrito: “Saí para almoçar. Volto em instantes” e colocou no lugar do anão roubado.

No outro dia, acordara cedo para preparar seu rico café da manhã. Assim que olhou da cozinha para fora, teve um treco tão grande que arremessou com tudo a cafeteira no chão, quebrando a jarra de cristal.

No jardim, agora, estavam apenas 5 anões... e 2 plaquinhas. Uma delas, não fora ela quem colocara; portanto se aproximou, agachou e leu: “O Dunga me convidou para

o almoço de hoje. Voltaremos em breve”. Isso a deixou um tanto furiosa. Por isso, naquela noite, ela pegou sua vassoura com cabo inoxidável e ficou atrás da porta da cozinha esperando que o ladrão aparecesse. Assim que escutou um barulho, acendeu as luzes e, dando um salto para fora, apontou a vassoura para o vulto: – Rá!

O marginalzinho, que estava mascarado, saiu correndo. Mas ela, muito esperta e rápida, não deixou barato: de camisola e descalça, saiu atrás dele pelo meio da rua, segurando a vassoura como se fosse uma espingarda.

Vendo que o indivíduo estava próximo, ela se jogou em cima dele. Para sua surpresa, assim que tirou a máscara que lhe escondia a face, viu que o bandidinho de meia-tigela era ela mesma!

O VÍCIO MAIS GOSTOSO

Roía unhas. Sabia que ingerir, direto, milhões de bactérias faziam mal; por isso, queria parar com essa mania. Para ajudar, ele passou pimenta malagueta nelas. Ficaram com um gostinho melhor. Agora, ele mastiga as bactérias antes de engolir.

PRIMEIRA VEZ NO MERCADO

Embora pareça absurdo, Soraia nunca havia ido a um supermercado. Sempre passava em frente e olhava as pessoas estacionando seus carros; outras vindo a pé, e enchendo um carrinho com mercadorias. Seu sonho era fazer isso um dia.

Todavia, a culpa de nunca ter ido nem a um simples armazém não era só dela. Quando bebê, sua mãe não gostava de levá-la, pois tinha medo de esquecê-la por entre os corredores.

Aos cinco anos, sua mãe temia que ela a desobedecesse e caísse no choro em meio às outras pessoas; por isso, quando precisava reabastecer a despensa, deixava Soraia com sua tia.

Assim que se tornou adolescente e já sabia se virar sozinha, seus pais sempre compravam o que ela queria. Como consequência, não precisava frequentar o supermercado.

Após tornar-se adulta e sair da casa dos pais, Soraia continuou não indo, pois sempre que era preciso, ligava para que o serviço de entregas trouxesse as coisas até sua casa.

Sendo assim, a moça acabou sem saber qual é a sensação de fazer compras. Essa situação tendia a mudar no dia do seu primeiro pagamento. Com permissão do chefe

ela saiu mais cedo, pois dessa vez compraria algum produto, mesmo que não precisasse de nada.

Com os batimentos cardíacos descontrolados, ela entrou no supermercado. Seus olhos brilharam ao ver os corredores com prateleiras repletas de mercadorias. Primeiro, pegou um carrinho. Sentiu vontade de chorar quando tocou suas mãos nele.

Em seguida, dirigiu-se à seção de massas.

Com as mãos trêmulas de emoção, pegou um pacote de macarrão. Colocou no carrinho. Pegou um pacote de lasanha. Colocou no carrinho. Estava sendo muito legal. Foi de prateleira em prateleira, pondo tudo o que via no carrinho.

Quando já não havia mais espaço no grande cesto de metal com rodas, ela entrou na fila do caixa. Uma lágrima escorreu em seu rosto. Quando chegou sua vez, sentiu uma vontade tremenda de gritar aos quatro ventos.

A mulher do caixa começou a passar a compra, enquanto um ajudante ia guardando tudo no saquinho plástico. Seu coração estava prestes a explodir.

A emoção foi ainda maior quando um dos produtos estava com o código de barras amassado e a leitora não o registrou. Tiveram que chamar um funcionário para verificar o preço.

Finalmente, toda a compra havia sido computada: 250 reais. Soraia pagou e seguiu em direção à saída do mercado, feliz da vida. No exato momento em que colocou um dos pés para fora, a mulher do caixa gritou surpresa:

– Ei, você não vai levar sua compra?

Uma resposta espontânea veio à tona:

– É claro que não! Eu já paguei por ela. Por que levaria?

E com a cabeça erguida e um sorriso no rosto, andava pela calçada como se estivesse andando nas nuvens.

UMA INVENÇÃO AROMÁTICA

Já havia tentado realizar – e realizado – várias experiências para lá do normal. Nessa última, teve a ideia de criar um ser humano com base em um incenso.

Quando a criatura morreu e foi cremada, a funerária ficou com um cheiro agradável de almíscar no ar.

SURPRESA DE ANIVERSÁRIO

Completavam, naquele dia, um ano de namoro. Ela fez planos para que aquele dia fosse perfeito. Pensou em cada detalhe. Comprou uma cesta com os bombons preferidos do seu amado e um ursinho de pelúcia que cantava uma musiquinha romântica.

Quis fazer-lhe uma grande surpresa. Foi para o prédio onde ele morava, pediu a chave para o porteiro, subiu o elevador e, com passos de anjo, foi até a porta de seu apartamento.

Sem fazer barulho, virou a chave. Abriu a porta gritando: “Surpresa!”. Maior fora a dela, ao flagrar seu homem na cama com uma desconhecida.

Obra produzida com exclusividade para a
Editora Jogo de Palavras, em agosto de 2018.